

Apresentação

A história do ódio em relação a Freud é tão antiga quanto a da psicanálise. Ninguém toca impunemente no sexo, no segredo da intimidade, nos assuntos de família, na pulsão de morte e na barbárie dos regimes que escravizam mulheres, homossexuais, marginais e anormais sem pagar um preço por isso.

E é justamente essa a razão pela qual o sucesso obtido pela psicanálise no mundo traduziu-se por ataques incessantes: “ciência judaica” para os nazistas; “ciência burguesa” para os stalinistas; “ciência satânica” para os movimentos religiosos radicais; “ciência degenerada” para a extrema-direita francesa; “falsa ciência” para os cientistas; “ciência fascista” forjada por um vienense ganancioso e perverso para os adeptos da escola “revisonista” norte-americana. Essas ofensas nada têm a ver com a necessária crítica ao dogmatismo dos profissionais do inconsciente e seus grupelhos, ou mesmo à própria teoria freudiana, que em hipótese alguma deve ser vista como um *corpus* sagrado.

Mas o ódio em estado puro e sem nenhum outro fundamento senão a negação da realidade é coisa bem diferente. Convém lutar? Calar? A questão divide a comunidade cientí-

fica, que muitas vezes se deixa seduzir pela fúria que suscita em seus detratores. Provavelmente porque seus representantes, imersos em trabalhos, colóquios e reuniões entre especialistas, tornaram-se, erradamente, indiferentes àquilo que veem, com desdém, como literatura de sarjeta.

De minha parte, sempre achei que jamais devemos silenciar quando o excesso de paixão e seu cortejo de danos ameaçam dificultar as condições do autêntico debate crítico. Ora, este é o caso, de uns vinte anos para cá, dessa série de panfletos estranhos escritos por autores cujos textos ressentidos não pertencem ao âmbito da tradição acadêmica e são incensados por uma mídia cada vez mais submissa à pressão do mercado.

Um panfleto delirante, o de Michel Onfray, vem mais uma vez incitar o ódio dirigido não apenas a Freud, tratado como impostor e ídolo a ser abatido, mas a todos os saberes constituídos.

Diante desse desvirtuamento que o poder das redes de internautas me permitiu combater, e que as mídias mais sérias, em seu conjunto, não subscreveram, fiz questão de juntar à minha própria análise contribuições oriundas justamente daqueles que se sentem interpelados, há anos, por aquele que se apresenta como o detentor dos saberes recalcados ou ocultados pela República. Eles provêm de horizontes diversos, e será muito difícil enxergar neles representantes do mundo “*quartier latin*”, expressão mais do que detestável que serve de cabide a todas as formas de desvalorização do pensamento. Todos são professores – na universidade ou

no secundário – e quatro exercem a profissão fora de Paris: Caen, Lille, Marselha, Clermont-Ferrand. Agradeço-lhes por me haverem confiado suas contribuições.

De minha parte, e levando em conta a importância que ganhou na França o rumor de um Freud incestuoso, admirador de Hitler e Mussolini, fiz questão de insistir na gênese deste episódio escuso: como se forjou a lenda de um Freud violentando a cunhada para estimular em seguida a perseguição de seu próprio povo justamente no momento em que seus livros eram queimados pelos nazistas?

Este dossiê dá sequência, de certa forma, ao que publiquei em 2005 sob o título *Pourquoi tant de haine? Anatomie du “Livre noir de la psychanalyse”* (Navarin),¹ com Pierre Delion, Roland Gori, Jack Ralite e Jean-Pierre Sueur. Visa, fundamentalmente, aprofundar a compreensão das razões pelas quais a obra freudiana continua a suscitar tais paixões.

¹ Textos parcialmente reproduzidos em Elisabeth Roudinesco, *Em defesa da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 2010. (N.E.)

Num panfleto apinhado de erros e atravessado por rumores,¹ Michel Onfray, que ignora tudo acerca dos trabalhos produzidos nos últimos quarenta anos pelos historiadores de Freud e da psicanálise, apresenta-se como um psicobiógrafo de Freud, o único capaz de decodificar certas lendas douradas, não obstante invalidadas há décadas. Dedicando-se a discernir pretensas verdades que teriam sido dissimuladas pela sociedade ocidental – dominada, por sua vez, pela ditadura freudiana e suas “milícias” –, ele vê os judeus como forjadores de um monoteísmo mortífero e precursores dos regimes totalitários, e pinta Freud como um tirano doméstico que subjuga todas as mulheres de sua casa a seus caprichos, além de molestar sexualmente a cunhada. Homofóbico, falocrata, falsário, ávido por dinheiro, não hesitaria em cobrar o equivalente a 450 euros por uma sessão de análise.² Cifra

¹ Michel Onfray, *Le crépuscule d'une idole. L'affabulation freudienne*, Paris, Grasset, 2010.

² Psiquiatras norte-americanos e europeus que se dirigiam a Viena após 1920 para uma análise didática às vezes pagavam as sessões a Freud em moeda estrangeira. Mais tarde, ele abandonou as moedas estrangeiras e fixou seus honorários em 100 *shillings* austríacos (fonte: Hilda Doolittle, *Pour l'amour de Freud*, prefácio de Elisabeth Roudinesco, Paris, Éditions

infundada declarada durante um programa de televisão e repetida por diversos órgãos da imprensa.

Ele descreve o cientista vienense como um admirador de Mussolini, cúmplice do regime hitlerista (por sua teoria da pulsão de morte), e faz da psicanálise uma ciência baseada na equivalência do carrasco e da vítima. Embora declarando-se freudo-marxista – no entanto, pretende-se antifreudiano e adepto de Proudhon, logo, nem marxista nem freudiano –, reabilita o discurso da extrema-direita francesa, com o qual (sem saber) alimenta uma certa comunidade de pensamento. Essas posições extrapolam o campo do necessário debate intelectual sobre a questão de Freud e do status da psicanálise. Pois, de tanto inventar fatos que não existem e forjar revelações que não o são, o autor desse ataque instiga a proliferação dos rumores mais extravagantes: como exemplo, órgãos de imprensa noticiaram, antes mesmo da publicação do livro, que Freud passara um tempo em Berlim durante o entreguerras, que fora médico de Hitler e de Göring, amigo pessoal de Mussolini e um inveterado mulherengo. Com a ajuda dos boatos, daqui a pouco descobriremos que ele espancava a governanta, sodomizava os animais domésticos ou assava criancinhas no forno.³

des Femmes/Antoinette Fouque, 2010, p.258). Antes da Primeira Guerra Mundial, seus honorários correspondiam a 40 coroas.

³ Cf. a esse respeito o comentário de Philippe Grauer no site do Centro Interdisciplinar de Formação em Psicoterapia Relacional (CIFP). Aproveito a oportunidade para agradecer a Gilles Olivier Silvagni e Anthony Ballenato, que efetuaram pesquisas para mim. Bem como a Henri Roudier, Jacques Martin Berne e Christiane Menasseyre.

Quando sabemos que 8 milhões de pessoas na França são tratadas por terapias que derivam da psicanálise, vemos claramente que tal procedimento assemelha-se a uma vontade de prejudicar. No fim, ele não fará mais do que provocar a indignação de todos aqueles que – psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, psicoterapeutas – levam uma ajuda indispensável aos que são afetados tanto pela miséria econômica – as crianças abandonadas, os loucos, os imigrantes, os pobres – quanto por esse sofrimento psíquico trazido à luz por todos os coletivos de especialistas.

1. Descrição do livro

O livro de Michel Onfray, composto de cinco partes, é destituído de fontes e de notas bibliográficas. A nota bibliográfica final não remete a nenhum capítulo do livro e o índice é imprestável: nada de nomes ou conceitos, e sim rubricas que permitem distinguir os autores “bons” dos “maus” de acordo com os títulos de seus trabalhos; as datas de publicação são frequentemente inventadas, quando não simplesmente omitidas.

Quanto ao autor, projeta sobre o objeto odiado suas próprias obsessões – os judeus, o sexo perverso, os complôs –, a ponto de fazer de Freud um duplo invertido de si mesmo, e da psicanálise, a expressão de uma autobiografia de seu fundador, transformado em impostor. Diante desse alter ego lançado no inferno, o autor vê a si próprio como um liberta-

dor vindo livrar o povo francês de sua crença em um ídolo cujo crepúsculo ele anuncia. Ele sugere que atualmente estão disponíveis apenas as biografias de Ernest Jones e Peter Gay, a primeira publicada entre 1953 e 1957, e a segunda em 1988. Não cita nem os trabalhos dos historiadores de Viena (Carl Schorske, William Johnston, Jacques Le Rider etc.), nem os dedicados à questão da judeidade de Freud (Yousef Yerushalmi, Yirmiyahu Yovel, Jacques Derrida, Peter Gay etc.), nem qualquer um dos ensaios acerca dos diferentes aspectos da vida de Freud. Entretanto, somos hoje cabalmente informados, dia a dia, de cada acontecimento de sua vida cotidiana, assim como da de seus companheiros, discípulos e dissidentes. Onfray tampouco conhece alguma coisa da vida de Josef Breuer, Wilhelm Fliess, Sándor Ferenczi, Otto Rank, Ernest Jones, Alfred Adler, Carl Gustav Jung, Melanie Klein, Marie Bonaparte, Lou Andreas-Salomé, Anna Freud (a respeito de quem cita uma biografia errada que ninguém mais lê). Nenhuma palavra sobre a tão discutida questão da sexualidade feminina (de Helene Deutsch a Karen Horney, passando por Simone de Beauvoir, Juliet Mitchell, Judith Butler), nem sobre a história da fundação da International Psychoanalytical Association (IPA), nem sobre a revisão dos grandes casos (a respeito dos quais comete vários equívocos). Não afirma ele que Freud teria inventado dezoito casos? Perguntamo-nos quais...

Quanto à obra de Freud, traduzida em sessenta línguas, Onfray afirma ter convivido intensamente com ela durante cinco meses – entre junho e dezembro de 2009 – na tradução da PUF, a mais criticada atualmente pelos especialistas. Não

faz nenhuma referência ao grande debate sobre as traduções e não consultou nenhum arquivo: nem na Biblioteca do Congresso de Washington, nem no Freud Museum de Londres. Ignora o mundo anglófono, germanófono e latino-americano, e é nulo em história da psicanálise na França.

Tudo bem, Onfray cita a obra de Henri F. Ellenberger, *História da descoberta do inconsciente*, publicada em 1970 (em inglês), traduzida pela primeira vez em francês em 1974, depois reeditada em 1994 sob meus auspícios.⁴ Diz tratar-se da primeira grande revisão da história oficial de Freud, o que é inexato, uma vez que a obra de Ola Andersson é anterior à de Ellenberger.⁵ Além disso, ao datar a publicação do livro de Ellenberger como sendo de 1991, faz a historiografia científica estrear com vinte anos de atraso, destacando ainda que ela continua a ser ocultada nos dias de hoje, justamente quando se encontra em plena expansão e quando os arquivos da Biblioteca do Congresso, após as grandes batalhas dos anos 1990, estão em vias de sair da lista de documentos censurados, segundo as regras em vigor – com enorme lentidão, bem entendido. Onfray engana-se igualmente quanto à data de publicação do livro de Frank J. Sulloway, *Freud, biólogo da mente*, publicado em inglês em 1979 e editado duas

⁴ Henri F. Ellenberger, *Histoire de la découverte de l'inconscient*, prefácio de Elisabeth Roudinesco, Paris, Fayard, 1994. Onfray não cita meu prefácio, uma vez que me considera uma hagiógrafa. Como eu poderia, sendo ao mesmo tempo responsável pelos arquivos de Ellenberger depositados na Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (SIHPP), da qual sou presidente?

⁵ Ola Andersson, *Freud avant Freud*, prefácio de Elisabeth Roudinesco e Per Magnus Johansson, Paris, Les Empêcheurs de Penser en Rond, 1997.

vezes em francês (1981 e 1998).⁶ Ainda assim, ele parece convencido de que não existe nenhum trabalho não hagiográfico sobre Freud até então, o que lhe permite apresentar-se como o primeiro autor a resgatar lendas douradas há trinta anos invalidadas pelos historiadores. A propósito, Onfray não faz nenhuma distinção entre história sacra, história oficial, pensamento irracional, historiografia fundada em lendas obscuras e rumores (corrente chamada “revisionista” ou, em inglês, “destruidora de Freud”) e história científica. Seu método reflete um maniqueísmo radical: de um lado, os “bons” (antifreudianos); de outro, os “maus” (adeptos de uma impostura).

Ignorando os trabalhos norte-americanos e só conhecendo Freud por tê-lo lido em francês, Onfray engana-se igualmente a respeito da data de publicação da correspondência não expurgada de Freud com o médico berlinense Wilhelm Fliess, no entanto essencial para desvendar as modalidades da invenção da psicanálise e as hesitações e errâncias do primeiro Freud. Essa correspondência acha-se disponível em inglês, alemão, português e espanhol desde 1986. Foi traduzida pela primeira vez para o francês em 2006, ou seja, vinte anos depois, o que autoriza Onfray a afirmar que ela ficou oculta até hoje.⁷

⁶ Frank J. Sulloway, *Freud biologiste de l'esprit*, prefácio de Michel Plon, Paris, Fayard, 1998.

⁷ Sigmund Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess, 1887-1904*, Paris, PUF, 2006 [ed. bras.: *Correspondência completa Sigmund Freud-Wilhelm Fliess 1887-1904*, Rio de Janeiro, Imago, 1983].